

“QUEM DISSE QUE SUMIU?”
MOVIMENTO ESTUDANTIL E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA NA UNIVERSIDADE
ESTADUAL VALE DO ACARAÚ (2011 - 2015).¹

Ana Karla Pontes de Souza²

RESUMO

O presente trabalho trata do Movimento Estudantil (ME) da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) localizada em Sobral/CE, particularmente dos coletivos estudantis que o compõem. O interesse pela temática surgiu, através das experiências e vivências no ME. Buscamos analisar como se organizam esses coletivos e quais as principais bandeiras de luta que eles defendem, se utilizando de pesquisa documental e entrevistas como forma de captação de informações.

Palavras-chaves: Movimento Estudantil. Coletivos. Universidade e **Bandeiras** de Luta.

"WHO SAID IS GONE?"
STUDENT MOVEMENT AND POLITICAL PARTICIPATION IN STATE UNIVERSITY
VALE DO ACARAÚ (2011 2015).

ABSTRACT

This research work deals with the Student Movement (ME) of the State University Vale do Acaraú (UVA) located in Sobral / CE, particularly about the student groups that compose it. The interest in the research area came through the living experiences in ME. We analyze how the student collectives is organized and what the main fight flags that they advocate, the research used documentary research and also interviews to capture information.

Keywords: Student Movements. Collective. University. Fight Flags.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo é parte de uma pesquisa mais abrangente sobre o Movimento Estudantil (ME) da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), o que encontramos aqui corresponde a trechos do terceiro capítulo da minha monografia de graduação, que possui o mesmo título. O envolvimento teórico e prático com o ME, foi o impulsionador para a escolha da temática, pois fui militante do ME e ocupei cargos de representação estudantil durante minha passagem pela Universidade.

A pesquisa teve intuito de analisar o ME da UVA, principalmente, através de grupos e coletivos, com o objetivo de conhecer, identificar as bandeiras de lutas dos estudantes e analisar as formas de organização do movimento.

Para realizar o resgate histórico de alguns momentos e movimentações políticas dos ME desta instituição, fiz pesquisa através de documento virtuais, além de projetos, folhetos e *folders*

¹Artigo retirado de pesquisa monográfica para o curso de Bacharelado em Ciências Sociais.

² Graduada em Ciências Sociais (Bacharelado), pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Email: anakarla.karlaps@gmail.com.

utilizados em campanhas, tive acesso aos manifestos/cartas compromissos dos coletivos e realizei entrevistas com antigos militantes e atuais, que hoje compõem os seis coletivos existente na UVA³

Nesse texto está descrito determinados momentos políticos do ME da UVA, focando na análise da organização, prioridades e bandeiras de luta.

2. A UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ – UVA

Em 1968 é criada a Universidade Vale do Acaraú no seminário da Diocese local, no Norte do Ceará, em Sobral. Somente em 1984 a universidade passa a ser instituição de educação superior do estado, e então denomina-se Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

A UVA recebe estudantes de mais de 50⁴ municípios do Ceará, atendendo a filhos de trabalhadores e trabalhadoras do semiárido cearense, possui 26 cursos entre licenciaturas e bacharelados, além de especializações em diversas áreas e dos mestrados: em Geografia, Zootecnia, Física e Saúde da Família. Segundo os últimos dados disponibilizados pela Universidade, em 2014, a UVA tinha cerca de 10 241 estudantes regularmente matriculados.

Essa pesquisa teve suas dificuldades, principalmente, no que diz respeito à obtenção de referências acerca da história da UVA e de seu ME. O que possibilitou o andamento desses estudos foram as entrevistas com estudantes. Assim, sobre o fim da década de 1960, quando da criação da Universidade, não conseguimos registros históricos para falar de seu surgimento e a participação dos estudantes nessa época, apenas sabemos que quando foi fundada, a UVA fazia parte da Igreja Católica, através do Seminário Dom José onde, inclusive, até hoje é o prédio principal da Universidade.

Da época da ditadura militar encontramos alguns trabalhos que falam sobre como foi vivenciado o período na cidade. Vale destacar os das historiadoras Viviane Bezerra em seu artigo *A Cidade de Sobral no Contexto da Ditadura Militar no Ceará (2008)* e Edvanir Silveira em *Os Estudantes e a Ditadura Militar em Sobral-CE (1964-70)(2011)* e o do historiador João Silva em *Sobral e Ditadura Civil-Militar: (des)construção do esquecimento(2013)*. Porém, esses trabalhos citavam apenas os estudantes secundaristas, que não são o foco do nosso trabalho.

Tomamos conhecimento da existência do ME na UVA durante as décadas de 70 e 80, porém somente a partir da década de 90 encontramos as primeiras informações através de entrevistas com militantes da época.

Em 1991, é realizado o 1º Congresso dos Estudantes da UVA. Nesse evento é deliberada a criação do Diretório Central dos Estudantes, tirada a comissão eleitoral do processo e feito um

³Kizomba, Unir, União da Juventude Socialista (UJS), Levante Ppopular da Juventude (LPJ), Juntos e Rua.

⁴Dados da UVA em números de 2014, pesquisa interna realizada anualmente.

esboço do que seria o estatuto da entidade. Um estudante da época, assim se expressou:

Eu entrei em 91, foi nesse ano que eu lembro que houve um congresso de estudantes da UVA, nesse congresso a discussão era se criava ou não um DCE. [...] Após o congresso que aprovou a criação do DCE, é, houve, foi montada uma comissão eleitoral que fez o edital das eleições e foi deflagrado o processo de eleição, acho que até o final do primeiro semestre de 91 aconteceu essa eleição. (Marcos⁵, 2016).

Naquele momento houve eleição com disputa entre duas chapas, uma ligada à juventude do PT e outra ligada à juventude da PC do B, ambas também compostas por estudantes independentes. A primeira chapa, que se chamava *Reunido*, foi a vencedora, e a segunda, *Abrace Essa Luta*.

Ainda em 1992, ocorreram as manifestações nacionais pelo “Fora Collor”, e em Sobral os estudantes da UVA organizaram manifestações. Foram realizados dois atos que saíram da universidade e tomaram a ruas da cidade. A primeira manifestação foi composta basicamente pelos estudantes, na segunda houve participação de outros grupos, como os ligados à Igreja, mas sempre com protagonismo estudantil.

Nesse período, a UVA possuía apenas o *campus* da Betânia, onde se concentravam todos os cursos existentes. As pautas de lutas locais giravam em torno do restaurante e residência universitária. Em nível nacional, a luta era contra o projeto neoliberal para as universidades, presente tanto nos governos Collor como Fernando Henrique Cardoso (FHC), que cortaram investimentos para as universidades públicas e as levava ao caminho da privatização, elas começavam a cobrar taxas em alguns serviços que iam aumentando gradativamente, chegando ao ponto de cobrarem taxas de matrículas - esse, inclusive, é um dos motivos que levaram os estudantes não só da UVA, mas de todo o país a organizarem o Fora Collor, pois consideravam sua política neoliberal degradadora das universidades públicas.

Segundo Marcos,

Já tinha naquele período uma discussão mais específica que era em relação ao restaurante e residência universitária, que eu acho que é uma pauta que, é, atravessa aí todo o movimento estudantil desde a época em que a UVA era universidade municipal, uma instituição municipal, portanto antes da década de 90. Tinha a questão das taxas, do ponto de vista mais específico, que era uma coisa que já vinha se implementando, desde o professor Teodoro que o movimento combatia bastante no limite que podia fazê-lo. E do ponto de vista mais nacional o combate era ao projeto neoliberal que a gente considerava que era nefasto a universidade, porque se apontava naquele período com Collor e depois com Fernando Henrique Cardoso a privatização das universidades, não de forma direta, mas a diminuição do financiamento das universidades, tanto federais quanto estaduais, porque a gente tava no governo Tasso, Tasso e Ciro transitou nesse período, e havia uma diminuição dos recursos da universidade exatamente para forçar as universidades a começar a cobrar taxas e em processo se privatizar, então essa era a discussão mais geral do ponto de vista nacional. (Marcos, 2016).

⁵Os entrevistados não tiveram seus nomes revelados e estão representados por nomes fictícios.

Nos anos 2000, o ME passa por um período de refluxo, tendo como última grande movimentação nacional o Fora Collor.

Na UVA, o aumento de cobranças de taxas crescente, inclusive, a de matrícula, levou o ME à organização da luta contra a privatização da instituição, inclusive a derrubada das taxas, em uma movimentação que ficou conhecida como o *Movimento das Redes* (2004), talvez a movimentação interna de cunho político mais expressivo da história do nosso ME.

Os estudantes fizeram uma manifestação com faixas e cartazes na frente do *campus* principal, a Betânia, e em seguida ocuparam o mesmo. Ficaram acampados por cerca de 28 dias. As reivindicações não se restringiam apenas à questão das taxas.

20 estudantes resolveram acampar no estacionamento do campus da Betânia com rede, colchões e barracas. Na manhã de ontem eles fizeram o próprio almoço no local. Garantem que o movimento é por tempo indeterminado. (DIÁRIO DO NORDESTE, 2005)

Outro momento importante para o ME da UVA foi quando se discutiu com mais intensidade as eleições diretas (para reitor/a, diretor/a de centro, coordenadores/as). Em setembro de 2007, ocorreu um plebiscito de consulta a comunidade acadêmica organizado pelo ME e pelo sindicato (SINDIUVA), tratando de eleições diretas para Reitor, Vice-reitor, Diretor de Centro e Coordenador de Curso. É importante dizer que o resultado foi a favor das eleições diretas. De 2009 a 2010, muitas mobilizações em torno do tema foram realizadas. Eram manifestações sequenciais, ocorriam uma após a outra, permanentemente em torno do debate sobre o tema. Um estudante, membro do DCE da época, fala que de início eles tentaram dialogar com a administração da universidade, e quando isso não se mostrou possível, passaram para ações mais incisivas.

A gente tava indo pela via do diálogo, entrar em contato com a reitoria pra saber se eles iam abrir o processo, por mais que fosse difícil porque tem um estatuto que não envolve o estudante. A gente fez vários atos em cada campus (algumas com apresentação teatral)[...] esses atos até então era um processo de diálogo que a gente tava tentando. (Júnior, 2016).

Diante da necessidade de incitação do debate e devido à falta de abertura para o diálogo por parte da Reitoria, eles resolveram partir para outras formas de ação. Produziram cartazes, colaram adesivos, fizeram faixas e pichações pelos *campi* da UVA. Muitos materiais foram produzidos em parceria com o sindicato dos professores/as.

Partimos pro negócio mais pesado, vamos colar adesivo em tudo que é canto, uma semana antes da gente colar adesivo foram trocados todos os flanelógrafos da universidade ai a gente achou o momento mais propício do mundo pra divulgar a nossa luta pra todos estudantes. A gente fez uns 20 mil adesivos uns vermelhinhos ai gente lotou, passou a noite colando, varia noites.

Ai a gente confeccionou [...]adesivo, panfleto em parceria com o sindicato, com os

professores. E aí o SindiUVA fez faixas, fez vários cartazes, uns 2 mil cartazes. A gente pichou a universidade em vários lugares né, colou adesivo. (Júnior, 2016).

Nessa onda de mobilizações pelas diretas, promoveram uma calourada chamada *Calourada das Diretas* que tinha um viés mais politizado. Desde o nome até a dinâmica do momento, passando pela decoração que contava com faixas e falas sobre a importância do debate e da luta pela causa. “A calourada, mais que uma calourada se tornou um ato.” (Júnior, 2016).

Todas essas mobilizações causaram repercussão entre a comunidade acadêmica, levando até a reação da administração da universidade por meio do jornal da UVA de circulação interna, fez um texto com tentativa de retaliação às ações do DCE na época, porém a repercussão foi negativa para a reitoria que logo recolheu todos os exemplares do jornal.

Houve um fato político, teve um texto que é, da época o editor de edições do jornal fez e teve 7 mil tiragens parece, o jornal da UVA, e eram altamente baixo assim o nível do texto contra o DCE. Era falando mal do DCE, dizendo que a gente era baderneiro não queria estudar e tal, era uma série, pichador, e aí esse fato espalhou em toda a universidade, esse jornal né, depois de um tempo, com duas semanas o reitor mandou recolher todos os jornais. Nós fizemos um jornal né, que o título, da chamada da matéria era “O que querem dizer os membros do DCE?” e aí detonava né, o texto era detonando, aí a gente fez um texto contrário a eles “O que querem dizer os estudantes que estão no DCE? O que eles não dizem” a nossa resposta e aí era foi quando se aprofundou da luta mesmo. (Júnior, 2016).

Essas foram algumas das principais mobilizações da história do ME da UVA. Esse movimento possui muito ainda a ser descrito, porém as informações estão presentes apenas na memória de seus militantes, possuem poucos escritos sobre, até mesmo os arquivos existentes do DCE são limitados, mas aos poucos, através de pesquisas como essa, a história vai sendo construída.

3. A UNIVERSIDADE DOS ESTUDANTES

O ME não é homogêneo. Há diferentes formas de organização política que o constroem. São estudantes organizados em diferentes coletivos de juventude, sendo muitos ligados a outras formas de organizações sociais e políticas da universidade como: os sindicatos, partidos, movimentos sociais e etc. Há estudantes que se autodenominam independentes “que embora não constituam um grupo organizado, atuam em todas as unidades estudantis” (FORACCHI, 1977), bem como coletivos que se dizem independentes ao afirmarem não ter ligações com outras entidades e/ou partidos políticos, ou por não reivindicarem a UNE.

Tais divisões não são simples de serem entendidas quando se está distante do ME. Há maior facilidade de entendê-las quando se está inserido no meio. A UNE hoje se encontra subdividida em vários campos políticos, sendo os mais expressivos a Majoritária, o Campo Popular e a Oposição de Esquerda (OE). Esses campos são compostos por diversos coletivos de juventudes que têm políticas

mais semelhantes entre si.

Na tentativa de melhor explicarmos essa diversidade de tendências e a organização do ME, utilizaremos o conceito antropológico de segmentaridade desenvolvido por Evans-Pritchard (2008) quando pesquisou os Nuer⁶.

A noção de segmentaridade foi inserida no pensamento antropológico a partir de pesquisas com os povos africanos. Utilizado para mostrar e tentar explicar o sistema político e social das “sociedades segmentares” (como foram chamadas), na ausência do Estado. Este conceito que passou por duras críticas ao longo das décadas, também teve suas complementações nas pesquisas de Goldman (2001) sobre a política na cidade de Ilhéus, no estado da Bahia, quando esse pesquisador aplica o conceito em uma sociedade com Estado. Ele busca legitimar a utilização deste conceito em outras formas de sociedade, e, para isso, dispõe de dois argumentos centrais, “recusar a falsa dicotomia entre “ideologia” e “ação” (ou princípio ideal e organização real, ou como se quiser denominar)”, e “libertar o conceito de seu viés sociologizante, e repetir que a segmentaridade não se confunde com um determinado tipo de sociedade ou mesmo com as linhagens”, ou seja, “liberar a segmentaridade desse viés significa igualmente liberá-la do 'tipologismo' — no caso, da “grande divisão” que aprisiona o conceito, a oposição entre sistemas segmentares e sistemas estatais.” (GOLDMAN, 2001, p. 77). A exemplo de Goldman e antropológicos anteriores a ele, que “legitimaram a generalização” do conceito em suas pesquisas, nós o utilizaremos aqui para caracterizar a segmentaridade existente no ME, tanto para explicar as divisões políticas, como as relações existentes entre elas.

A partir da segmentaridade podemos considerar dois posicionamentos na relação entre as tendências do ME, a contradição e a relatividade. Quando o antropólogo observou os Nuer percebeu que “qualquer segmento se vê como unidade independente em relação ao outro segmento da mesma seção, mas vê ambos os segmentos como uma unidade em relação a outras seções; e uma seção é vista pelos membros de outra seção como uma unidade não segmentada” (EVANS-PRITCHARD, 2008, p. 159). No caso dos estudantes, os segmentos se apresentam através dos coletivos de juventude, os quais (cinco deles) se encontram inseridos nos campos políticos existentes dentro da UNE⁷.

Em 2015, na UVA, o ME teve dois processos eleitorais importantes, que envolveram a representação de todos e todas estudantes da universidade: a eleição para delegados do Congresso

⁶Tribo do Norte da África.

⁷Nesse caso estamos usando como exemplo o contexto de organização interno da UNE, pois no ME da UVA não há, atualmente, militância da ANEL. E no caso dos coletivos independentes, estes se encontram como um segmento fora da UNE.

da UNE (CONUNE), em abril, e as eleições para a nova diretoria do DCE, em novembro. Na primeira, tivemos quatro chapas candidatas (*É pra mudar a UNE e a UVA*⁸; *Manifeste-se*⁹; *Por uma nova cultura política*¹⁰ e *Abre alas*¹¹). Três delas representavam apenas seus próprios coletivos, enquanto uma delas representava seu campo.

A chapa *É pra mudar a UNE e a UVA* enfatizava em seu material o repúdio à posição acrítica da Majoritária diante das políticas do Governo Federal.

Nos Governos Lula e Dilma a direção Majoritária da UNE se postou de diversas vezes de uma forma acrítica as políticas educacionais do Governo. Por isso, devemos fazer críticas as posturas de total adesão em relação ao campo da Majoritária da UNE.[...] A UNE antes de tudo, deve se portar enquanto movimento social na área da educação. Prezar por sua autonomia política diante dos governos federais e estaduais, reitorias e prefeituras.¹²

A chapa *Por uma nova cultura política* não tece nenhuma crítica direta à direção majoritária da UNE, isso se deve por fazer parte dessa maioria, inclusive a atual vice-presidenta é do Kizomba, coletivo que lançou essa chapa. Afirmam que a entidade representou e permanece representando as lutas. Somente critica de forma geral a burocracia e o imediatismo do ME.

A União Nacional dos Estudantes (UNE) é a entidade de representação de universitários/as em âmbito nacional, e que desde sua fundação e até nos dias de hoje continua na luta. Quando realizamos e discutimos sobre a atual conjuntura do Movimento Estudantil contemporâneo nos deparamos com a burocracia e o imediatismo que por muitas vezes tem sido a base de sua ação política.¹³

A chapa *Abre alas* enfatizava a participação da UNE em movimentos, colocando a entidade como principal mobilizadora de conquistas recentes.

Tudo que conquistamos até aqui só foi possível porque a União Nacional dos Estudantes se manteve no rumo certo, atendida com as aspirações estudantis. O movimento Bloco na rua contribuiu para manter a combatividade e olhar atento aos estudantes mais populares.¹⁴

⁸Chapa do Levante Popular da Juventude,. Reivindica o Campo Popular.

⁹Chapa que representava o campo da UNE chamado de Oposição de Esquerda (Juntos e Rua).

¹⁰Chapa do Kizomba. Estava inserida no Campo Majoritário. O UNIR não participou do processo oficialmente, mas fez campanha para essa chapa.

¹¹Chapa da UJS. Tem a presidência da UNE e faz parte do Campo Majoritário.

¹²Material de campanha da Chapa 1 – *É pra mudar a UNE e a UVA*.

¹³Material de campanha da Chapa 3 – *Por uma nova cultura política*.

¹⁴Tese do Movimento Abre Alas.

Já a chapa *Manifeste-se* apresentava uma composição do campo da UNE, era constituída por dois coletivos e se colocava na eleição representando a OE. Criticava o posicionamento dos atuais grupos dirigentes da UNE, segundo eles, estes já não estão preocupados em reivindicar e atender às demandas estudantis.

A UNE é a maior entidade estudantil brasileira, durante grande parte de sua história protagonizou lutas em prol dos direitos dos estudantes, [...]mas hoje está entidade é dirigida em sua maioria por grupos que já não estão preocupados em atender e reivindicar os interesses estudantis.

Atualmente, estamos vivenciando uma “pátria educadora” que corta bilhões de verbas da educação, [...] enquanto isso a UNE que deveria está do lado dos estudantes, vai as ruas em defesa desse Governo e baixa a cabeça aos mandos e desmandos dos ajustes da Dilma e do Levy.¹⁵

Essa exposição sobre as chapas serve para mostrarmos como no ME os coletivos se segmentam nas ações políticas em dados momentos, no caso das eleições do CONUNE, três, dos cinco coletivos, entraram na disputa de forma independente, induzindo sua política (embora alguns sejam do mesmo campo) em prol de levar seus delegados para representá-la no Congresso. A contradição e a relatividade citada se revela num segundo momento quando ocorreram as eleições para diretoria do DCE. Nesse processo, houve apenas duas chapas concorrentes: *É preciso ter raça*, formada pelos coletivos da OE e estudantes independentes, e *Por todos os cantos*, que era formada por todos os outros coletivos que na eleição anterior compunham chapa sozinhos, ou seja, tinha-se os dois coletivos da Majoritária, e o coletivo do Campo Popular que anteriormente havia criticado a posição acrítica da Majoritária diante o governo.

Observarmos assim o posicionamento, aparentemente, contraditório dos coletivos, pois se veem como unidade independente em relação a outros, defendendo suas formas de ver e agir politicamente, mas, ao mesmo tempo, veem os outros coletivos de um mesmo campo como unidade perante outros campos. Pode ocorrer de até mesmo se juntarem com outro campo, se avaliarem necessário. Essa união se deve em prol da defesa de suas visões políticas e projetos. Defesa que, se considerada fortemente ameaçada, pode levar a aliança entre campos políticos, para além de alianças entre coletivos de um mesmo campo, como foi o caso da junção entre representantes da Majoritária e do Campo Popular. Assim também percebemos a relatividade presente nas relações entre os coletivos, os quais se mostram flexíveis diante de uma causa, como alega uma das chapas: “[...]para defender nossos direitos, nossos sonhos de uma vida melhor, somamos as diversas forças e queremos ainda mais[...]”¹⁶

¹⁵Material de campanha da Chapa 2 - Manifeste-se.

¹⁶Material de campanha da Chapa 2 – Por todos os cantos – nas eleições para DCE em 2015.

Ainda poderíamos citar outras situações que mostram a segmentaridade presente historicamente no ME, como na ditadura, onde podemos observar essa unidade relativa, entre todos os segmentos da entidade, em nome da luta contra a repressão e em prol da democratização do país.

Na UVA, o ME se caracterizou durante muitos anos da década de 1990 pela presença forte de dois segmentos, a UJS, ligada ao PC do B e setores do PT mais ligados à Igreja Católica. Nos anos 2000 começaram a acontecer mudanças de organização e participação estudantil, não mais atreladas somente àqueles projetos políticos para os estudantes. Surgiram coletivos locais independentes¹⁷, que não reivindicavam a UNE, e, principalmente, em oposição ao grupo existente, a UJS, pois os ligados ao PT saem de cena (embora reapareçam em outros momentos). Em meados de 2011, ocorreu o que poderíamos chamar de um processo de segmentação no ME local, quando começaram a ser construídos novos coletivos juvenis, deixando de existir aquele modelo de dualidade.

Foi no segundo semestre de 2011 que começaram a se construir na UVA novas formas de organização política juvenil, através de novos coletivos, nesse período só havia a UJS, como coletivo nacional, embora ao longo da história do ME local tivessem havido outros, de ligações nacionais e os de origem local e independentes. Nesse referido ano, houve o marco inicial da ideia do Juntos! na UVA, mas só viria a se desenvolver e iniciar sua militância em 2012. Este é um coletivo que existe desde de 2011, no contexto nacional, ligado a um segmento do PSOL¹⁸. Ele compõe o campo de Oposição de Esquerda (OE) da UNE. Em 2013, aparecem os primeiros militantes do Levante Popular da Juventude (LPJ). Este surgiu em 2012 no Brasil, integra o campo Popular da UNE e é ligado à Consulta Popular¹⁹. O surgimento dessas novas organizações aponta uma transformação no ME da UVA. Em 2014 surgem mais três coletivos: o RUA – Juventude Anticapitalista, o Kizomba e o UNIR. O primeiro compõe também o campo de OE da UNE, surgiu em 2014 no país e está ligado a outro segmento do PSOL; o segundo está inserido no campo Majoritário da UNE e foi criado em 1999 no Brasil, ligado a uma tendência do PT, já esteve presente no ME da UVA por volta de 2010, desaparecendo e reaparecendo novamente em 2014; e o último surgiu do e no ME da UVA, é um coletivo local independente. Essa é a atual caracterização do ME da Universidade, a qual ainda possui como entidades de representação estudantil 19 Centros Acadêmicos (com 4 atualmente desativados: história, zootecnia, física e matemática) e o DCE.

¹⁷Exemplos desses coletivos independentes são o MELUR e o Florescer da Luta.

¹⁸Partido Socialismo e Liberdade.

¹⁹Organização social que se define como partido não institucional, ligado a movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra.

A segmentação apresentada através das últimas eleições do ME, não se restringe ao contexto da UNE e das eleições majoritárias do interior da Universidade, corresponde também às disputas nas eleições de CAs e aos posicionamentos diante de algumas pautas, por vezes, na construção de greves, quando podemos ver diferentes coletivos, de diferentes campos participando do movimento grevista, também na organização estudantil em coletivos de juventude que vão além da relação com as entidades de representação existentes no interior das universidades.

Compreendido um pouco sobre a forma como se organiza o ME, é importante salientar as diferenças do movimento das décadas de 60 e 70 para o de hoje, e não só dessas décadas para cá como ao longo de sua história. A própria UNE passou por inúmeras e até profundas transformações, como afirma Paiva (2011), as quais “ficam evidentes nas reivindicações defendidas até nas práticas políticas de organização e negociação com o Estado” assim, mesmo que a entidade mantenha o nome “o tipo de organização foi diferente de acordo com cada período histórico”(PAIVA, 2011, p.80). Houve momentos em que a UNE estava próxima do governo como na época de João Goulart, por exemplo, e momentos de radicalidade, como na Ditadura.

Paiva (2011) considera que embora a entidade tenha passado por importantes momentos de radicalidade, tornou-se, ao longo dos anos, cada vez mais dependente do Estado, seja nos Congressos ou no seu funcionamento, embora possua os fundos gerados pelas carteirinhas estudantis. Passou a se distanciar das ruas e se centrar na militância de negociações de gabinete. É a partir dessas críticas a UNE e a relação dela com os governos que começam a surgir organizações estudantis que não reivindicam a entidade nacional, bem como os movimentos de oposição à direção dentro da própria entidade.

4. BANDEIRAS DE LUTA DAS ORGANIZAÇÕES ESTUDANTIS

O recorte histórico a qual nos detemos para analisar o ME atual da UVA, foram os últimos cinco anos: desde a gestão de DCE *Por um DCE combativo e sem amarras* (2011/2012), passando pela *DCE dos Estudantes* (2012/2013), pela *Novo Tempo*(2013/2014) e pela *Podemos Mais* (2014/2015), até o processo eleitoral de novembro de 2015, quando foi eleita a atual gestão *Por todos os cantos* (2015/2016). Este recorte de tempo foi escolhido, pois por volta de 2011 o ME da UVA começou a tomar a forma atual no que se refere ao aumento do número de coletivos inseridos.

Em 2011 havia na UVA a UJS, o Florescer da Luta²⁰ (este compunha a gestão do DCE naquele momento) e surgiam os primeiros militantes do Juntos. Nesse período, podemos observar a permanência das bandeiras históricas do ME, cujo principal foco da gestão foi o comprometimento

²⁰Coletivo de juventude local independente, surgiu em 2011 e findou em 2012.

com as lutas por assistência estudantil, com a reivindicação do Restaurante Universitário, pauta destacada sempre, devido a UVA ser a única universidade estadual do Ceará que não possui restaurante e residência universitária.

Como tomamos conhecimento, o restaurante universitário já vem sendo citado desde que a UVA foi estadualizada. De lá pra cá essa pauta sempre é lembrada pelo ME, às vezes com mais intensidade, às vezes secundarizada. Entre os anos de 2011 e 2012, os estudantes colocaram essa pauta como central, visto que a UVA recebe estudantes de dezenas de municípios que precisam gastar com alimentação diariamente, e ainda há alguns cursos integrais e atividades de extensão e pesquisa que exigem a permanência do aluno por mais de um turno seguido na universidade. Visto a partir desses fatos, o ME volta-se com intensidade novamente, para essa discussão e começa a realizar atos e mais atos em prol da conquista do restaurante.

Nós fortalecemos muito a questão do restaurante universitário fizemos camisa, nós fizemos atos né, nós fizemos um ato na frente da universidade, ali no campus Betânia que foi bastante marcante né que nós improvisamos um restaurante com uma churrasqueira que a gente pegou e uma panela e colocamos miojo né, pegamos algumas fotografias uma do Colaço que era o então reitor e o Cid Gomes e dessa forma a gente estabeleceu um diálogo, uma conexão muito interessante com a estudantada que ia passando porque tinha o elemento da comicidade e um apelo bem claro e objetivo na pauta do RU que é uma coisa que afeta a todos os estudantes porque, a alimentação é um ponto central para os estudantes da UVA. (Rivera, 2016).

Após toda uma agenda de mobilizações do DCE com o engajamento de muitos estudantes, foi sendo construída uma ponte entre eles e a possibilidade da conquista da pauta. “A gente procurava sempre encontrar com o governador quando ele vinha, a gente fez ato lá no Centro de Convenções e tal, e sempre que nós podíamos a gente tentava ter esse diálogo.” (Rivera, 2016), e através dessa persistência conseguiram uma audiência onde debateram sobre o restaurante universitário.

Nessa audiência a conquista veio em forma de verba, mais de 4 milhões de reais, destinada à construção do restaurante universitário.

Foi um acumulo de lutas de inúmeras gestões anteriores, eu não posso negar que, é, a nossa combatividade em fazer um enfrentamento foi bastante importante pra isso, como eu falei a gente fez muitas manifestações, a gente fez muitos atos públicos, é enchemos muito o saco do Cid Gomes pra conseguir essa reunião e do reitor. (Rivera, 2016).

A conquista das verbas do restaurante não foi suficiente para concretizar tal bandeira, afinal havia dinheiro, mas a obra continuava no papel. Na gestão seguinte, *DCE dos estudantes*, o debate entre a comunidade discente ainda girava, fortemente, em torno do restaurante, principalmente, após a recente conquista, pois se criou a expectativa de efetivação da bandeira de luta.

O fato é que o restaurante nem mesmo chegou a ser licitado em 2012 ou 2013, e nesse período continuou sendo uma questão muito forte e marcante como relata um membro da gestão:

Assim, uma coisa muito forte, bem marcante, ainda, era a questão do, do restaurante universitário né porque a gente, pelo menos eu considero ainda uma bandeira histórica do movimento estudantil[...]é do conjunto né do todo né do movimento como um todo, porque desde a fundação né em 1994 do DCE há uma grande luta em relação a isso, é, é o restaurante universitário, tinha a questão das bolsas em que ainda não eram tão ampliadas, então o que foi mais, mais marcante foi a questão do restaurante e a questão da ampliação das bolsas, tanto do valor, quanto da quantidade. (Anita, 2016).

Além do restaurante, vemos apontado na fala da estudante outra pauta, que também está inserida na assistência estudantil, é o aumento do número e dos valores das bolsas existentes na Universidade, pois até então atingiam menos de 1% dos estudantes da UVA. Em 2013 houve uma retomada também da pauta de mudança no estatuto da universidade, de diretas já para eleições de cargos executivos administrativos dentro da Instituição (como é o caso do cargo de reitor/a). Em fevereiro daquele ano houve o processo de escolha para novo reitor da forma como se encontra no atual estatuto, onde só os conselheiros do CONSUNI (Conselho Universitário) têm direito a voto, sendo pouco mais de 100 votos, onde existem pessoas que tem o direito de votar mais de uma vez, estes elegem uma lista tríplice levada ao governo do estado, o qual escolhe a pessoa a seguir no cargo, são cerca de 100 pessoas para representar mais de 10 mil, entre estudantes, professores/as e servidores técnico-administrativos.

Para além da situação formal ser colocada pelo ME como antidemocrática, a reitoria fez a escolha a portões fechados logo após prorrogar um feriadão de carnaval, visto que quase metade dos estudantes da UVA não estaria em Sobral, pois são de outros municípios. Dezenas de estudantes, entre independentes e organizados em diferentes coletivos, professores/as se fizeram presentes em frente aos portões da UVA em um ato reivindicando eleições diretas e “estatuinte já”. Após esse ato, foram feitas fortes movimentações na universidade em torno dessa pauta. O *DCE dos estudantes* realizou um adesivaço no campus Betânia em prol das eleições diretas para reitor/a. Necessário fazermos uma ressalva sobre essa pauta, enquanto a maior parte do ME da UVA reivindica um processo de estatuinte, para ser construída junto à comunidade acadêmica um novo estatuto, a gestão do DCE na época formada pela UJS reivindicavam somente a mudança do artigo que se refere às eleições como foi exposto em nota encontrada no site da UNE:

Durante longos anos a UVA vem sendo governada como se fosse “pequenos feudos” onde os senhores mandam e desmandam à revelia da comunidade acadêmica, e a cada dia a situação piora. No ano de 2013, mais uma vez, o processo para escolha do novo Reitor foi feito de maneira antidemocrática e conseguiram chegar ao extremo: a Reitoria decretou “recesso” e trancou os portões da Universidade no dia da reunião do colegiado que elegeu o

novo reitor, com o objetivo de cercear o direito de manifestação dos estudantes. Portanto, o processo ocorreu às escuras sem a participação da maioria dos estudantes e professores.

Nesse sentido, queremos convocar todos os estudantes, os CAs, os professores, o sindicato dos docentes e todos os demais que queiram aderir à luta, para conseguirmos mudar o ESTATUTO no seu artigo 45, que trata das eleições para reitor da NOSSA UNIVERSIDADE.²¹

No ano de 2013 houve ainda as manifestações que ocorreram em junho por todo país, levando milhões de jovens a reivindicarem direitos. O ME da UVA esteve presente nas mobilizações dos atos em Sobral. Em agosto do mesmo ano ocorreram as eleições do DCE. A chapa vencedora levava o nome de *Novo Tempo*. Logo no início da gestão houve uma greve, de novembro de 2013 a fevereiro de 2014. Antecedendo à deflagração ocorreram assembleias estudantis para discutir o posicionamento dos estudantes que aprovaram a participação na mobilização, junto com os técnico-administrativos e professores/as. A greve se deu de forma unificada com as outras universidades estaduais, as quais reivindicavam desde concurso para professores e professoras efetivas, para técnico-administrativos até a melhoria na infraestrutura, e assistência estudantil, principalmente, a licitação do restaurante universitário e a construção de uma residência, dentre outras pautas unificadas e internas da UVA, como é o caso da abertura do processo de estatuinte.

Nesse processo, que durou cerca de três meses, as bandeiras estudantis se fortaleceram e focaram na assistência estudantil, tanto em relação às bolsas quanto à residência universitária. Para um líder estudantil:

Nossas principais bandeiras era assistência estudantil em si que é defasada, ainda hoje é defasada, a gente conseguiu, é, dar grandes passos em relação a essa demanda, aí é como falei, é, assistência estudantil né a gente conseguiu as bolsas estudantis, auxílio-alimentação, auxílio, auxílio-moradia e, e a principal deles que foi a residência universitária, que hoje tá em processo de conclusão, mas já foi efetuada a compra do prédio, então a nossa principal bandeira era assistência estudantil em si que ainda hoje é defasada na universidade. (Augusto, 2016).

Foi também com a mobilização gerada por essa greve que os estudantes conquistaram a liberação da licitação²² para a construção do restaurante universitário. Conquistaram ainda 10 milhões de reais para assistência estudantil de cada universidade estadual, no caso da UVA possibilitou a compra da residência e ampliação do número e valor das bolsas. Não podemos deixar

²¹Disponível em: <http://www.une.org.br/2013/02/nota-dce-da-uva-defende-mudanca-no-estatuto-da-universidade/>.

²²Conquistaram a liberação da licitação, após uma rápida reunião com o então governador, Cid Gomes, quando este no fim do seminário, proposto em negociação da greve, foi a sede do DCE. Nesse mesmo dia, na abertura do seminário, estudantes fizeram uma manifestação na qual levaram um bolo representando o aniversário de quase dois anos que a verba do restaurante universitário estava em caixa, mas o governo não liberava a licitação para construção do prédio.

de observar, nas falas dos membros das diferentes gestões vimos a permanência das pautas históricas colocadas como centrais, certificando a continuação do debate em torno delas, embora com desfechos diferentes.

Com toda essa euforia do ME e do movimento docente em torno de algumas conquistas e da possibilidade de outras muito importantes, como é o caso de concurso para professores/as efetivos, pois nas universidades estaduais havia uma carência de cerca de 800 docentes, a campanha eleitoral para nova diretoria do DCE, em 2014, girou em torno dessa temática. De um lado a chapa que representava a sucessão – *Podemos Mais* - enfatizava a conquista e colocava em suas pautas continuar a intensificar as lutas em torno da concretização do restaurante e residência universitária, além do concurso para professores/as, e do outro, lado a chapa *Pra o dia nascer feliz* fazia críticas, alegando a inércia por parte da gestão que se encerrava e a taxava de “os grevistas”.

O resultado das eleições levou à vitória da chapa de sucessão que tomou posse dentro de outra greve, pois o governo não cumpriu o que havia negociado com os professores.

Podemos observar a dinâmica política do ME a partir dessa nova conjuntura. Se até poucos meses antes as bandeiras centrais diziam respeito à assistência estudantil (com o restaurante, residência e bolsas), agora a centralidade girava em torno do concurso de professores/as, que embora pareça ser uma pauta docente, naquele momento se tornava, principalmente, estudantil. A luta em torno dessa pauta mostra também uma característica das bandeiras históricas do ME nacional, a luta por educação pública de qualidade, que inclui assistência estudantil, boa infraestrutura e efetivação de professores/as suficientes para cumprir o ideal do tripé universitário: ensino, pesquisa e extensão.

Nós focamos bastante no concurso para professor efetivo, também como o, é o início das obras para o restaurante universitário, conseguir a manutenção das bolsas né que tinham sido conseguidas na gestão *Novo Tempo* nós queríamos é, continuar com elas na nossa gestão. Dentre outras pautas também que, é a residência que, inclusive, até hoje ainda, ainda não saiu, mas futuramente quem sabe nas próximas gestões com muitas cobranças poderá surgir. (Joana, Juntos, 2016).

A participação do ME nas greves das universidades são extremamente importantes para dar força às mobilizações e conseqüentemente, para que o movimento avance a caminho das conquistas das pautas. Finalmente no início de 2015 a greve é encerrada mediante a garantia do lançamento do edital para o concurso, que seria realizado no segundo semestre, além disso, o ME ainda conseguiu garantir verbas a mais no custeio permanente das universidades para assistência estudantil, no caso da UVA, foram dois milhões de reais a mais no custeio anual. Nesse período o governo federal realiza cortes por volta de 10 bilhões de reais na educação, aplicados pelo governo do estado em 25%, prejudicando todo o funcionamento da instituição obrigada a fazer economia de gastos, sendo

que a verba normal recebida já não garante a qualidade necessária ao seu funcionamento. “O governo estadual, é ele cortou inicialmente 25% da nossa verba que afetou, principalmente, nas bolsas e nós reivindicamos na época e conseguimos reduzir pra 20%, o corte ele continuou, mas pelo menos menor, só 20%.” (Joana, Juntos, 2016).

Com as principais conquistas pautadas na greve efetivadas (embora algumas ainda precisassem de pressão para sair, como a residência, por exemplo), o movimento estudantil, se volta novamente para o debate sobre democracia na universidade. que durante a greve era debatida, mas de forma secundária.

Principalmente a partir de abril de 2015 começa a ser realizadas assembleias pelos *campi*, organizadas por membros do sindicato dos professores/as e do técnico-administrativos e pelo DCE para a comunidade acadêmica. A ideia era apresentar um modelo de processo estatuinte a ser discutido e construído por essas assembleias, ser aprovado e logo após ser seguido para a mudança do estatuto.

Esse debate retomou a centralização dessa pauta. Aqui podemos perceber novamente a dinâmica da conjuntura política no ME. A volta da centralidade dessa bandeira se mostra tão forte que nas eleições para DCE, ocorridas em novembro de 2015, as duas chapas concorrentes deram maior ênfase dos seus materiais de campanha na discussão de democracia na UVA.

A chapa 2, *Por todos os cantos*, enfatizou a necessidade de eleições diretas:

A UVA tem um problema central: a falta de democracia. Nós, estudantes, não escolhemos reitor, diretores de centros e em alguns cursos não escolhemos nossos coordenadores, e a saída é uma estatuinte que mude a forma de fazer escolhas na Universidade.²³

A chapa 1, *É preciso ter raça*, além de reivindicar as eleições diretas destaca também a democracia necessária na vida estudantil.

Devemos fazer um processo de Estatuinte, que consiste em reescrever o Estatuto da UeVA²⁴ garantindo eleições diretas para reitor e democracia no que diz respeito a nossa vida estudantil.

Notadamente, identificamos que como a principal bandeira das últimas eleições. Através dessas bandeiras de lutas, podemos identificar características pertinentes ao ME. As demandas do movimento são inúmeras, mas o fator determinante para a centralidade do debate se traduz na dinâmica do movimento a partir da conjuntura política do momento. Significa dizer que não tem

²³Trecho do texto do material de campanha da chapa 2 – Por todos os cantos, concorrente nas eleições do DCE, em 2015.

²⁴A sigla oficial da universidade é UVA, porém muitas vertentes do ME utilizam UeVA como forma de reivindicar a relação estatal, conseqüentemente, reivindicando a responsabilidade do Estado sobre a universidade, uma pauta do ME local.

como prever qual bandeira será mais forte no semestre seguinte, ou até mesmo no mês seguinte, pois a conjuntura pode mudar rapidamente dependendo apenas dos fatos políticos que surgirem. Ao mesmo tempo observamos que as bandeiras centrais ao longo desses anos são históricas e acompanham o ME da UVA desde o início. Elas permanecem presente no debate embora muitas vezes de forma, aparentemente, secundária.

5. UM DESTAQUE NA LUTA CONTRA AS OPRESSÕES

No ME da UVA, as organizações pesquisadas se reivindicarem como de esquerda, cinco, dos seis coletivos (Rua, UJS, LPJ, Kizomba e Juntos) são organizados nacionalmente, enquanto um deles (Unir), é um recente coletivo criado na cidade de Sobral. Quando entrevistamos militantes das organizações, observamos a ênfase dada por eles na representação do debate das opressões. Na fala de todos e todas as entrevistadas, assim como no manifesto e tese das organizações, está colocado o combate ao racismo:

Nós temos essa bandeira contra o racismo que ele tá atrelado também com a questão da produção, porque o racismo ele mata, o racismo ele usa de todas as formas para criar mecanismos de dominação entre esses corpos, esses corpos que foram historicamente, que historicamente sofreram e que, principalmente, se criou uma cultura que deixaram eles para trás. (Flávia, LPJ, 2016).

A questão racial também né com a própria, a questão das cotas como uma política de afirmação, é porque a gente sabe que todo o histórico né dos negros aqui no Brasil assim a gente sabe que não é a política correta pras universidade, mas nesse sentido de reparação já que quando aconteceu a abolição da escravatura, em 1888, os negros é ficaram aquém da sociedade né não tinham estudos, não tinham residência enfim, e muitos tiveram que praticamente voltar a ser escravo de novo, pra ter pelo menos o que comer, então a política de cotas raciais vem justamente pra tá reparando isso, mas a gente tem consciência que numa educação onde todos tenham o acesso que seja de qualidade deve vir desde o ensino básico né então a gente luta também pra isso, pra que a educação ela, ela seja revolucionada desde de o básico para que o jovem tenham condições de chegar a universidade e que ele tenha qualidade no ensino e na sua formação. (Tamires, Juntos, 2016)

Dois estudantes falaram sobre o problema do racismo e da política de cotas:

Atua firme, fortemente na, com relação ao debate sobre as cotas é, também atua e muito bem na parte do movimento estudantil. (Waldir, UJS, 2016).

A gente começou a defender mais cotas para negros. (Daniel, Unir, 2016).

Além da discussão do racismo, há uma emergência do debate de gênero e diversidade sexual iniciando dentro do ME. Os coletivos realizam formações que ocorrem dentro e fora da universidade em torno dos temas, pois consideram importantes tanto para a vida acadêmica como para a vida em sociedade levantar essas discussões.

É a questão da participação das mulheres nos espaços da universidade né, nos cursos, no ensino superior como a participação política mesmo, dentro do movimento estudantil, e também fora dele, o que a gente considera um avanço muito grande né vê mulheres a frente

do movimento né construindo é tando a frente do DCE, movimentando as lutas dentro da universidade, enfim, puxando movimento grevista também, tando a frente, fazendo negociação, então assim é, é a importância né da gente debatendo junto com a comunidade universitária essa questão. (Tamires, Juntos, 2016).

Esse sistema além disso tudo ele é conservador, ele dita uma norma, e a norma que, que é seguida pelo sistema capitalista ela é heterossexual, e essa norma heterossexual e heteronormativa nós precisamos quebrar, e tentamos quebrar levantando a bandeira contra a homofobia que os corpos tem o direito de amar de todas as formas possíveis. (Flávia, LPJ, 2016).

Não acreditamos em hierarquizações simplistas e errôneas que secundarizam ou reduzem a questão das opressões colocando-as em segundo plano.²⁵

Esses estudantes mostram em suas falas e tese sobre o porquê é necessário realizar essas formações e também relatam as dificuldades de a fazerem.

Dentro da universidade o machismo é apregoado por alguns cursos e isso existe também dentro da universidade, não é algo que a gente possa chegar e dizer que a universidade às vezes é um mar de rosas que não é. (Daniel, Unir, 2016).

Aqui na universidade a gente tá crescendo, com relação, com relação a esse debate, é, nós tamo, é, tentando é conquistar novos militantes, pessoas para acompanhar nossos debates, mas é como eu disse é supercomplicado a gente conseguir realizar, é, algumas atividades e essa não é diferente. (Waldir, UJS, 2016).

É necessário pautarmos políticas específicas de assistência estudantil e permanência na universidade que combatam o racismo, o machismo e a lesbo/gay/bi/transfobia.²⁶

Podemos perceber que a discussão sobre as opressões das minorias sociais é largamente citada nas entrevistas cedidas pelos militantes, como também foram pautas levantadas nas últimas eleições para diretoria do DCE (2015).

Essas observações são importantes, pois apresentam uma nova característica do ME da UVA: o aparecimento e consistência da discussão sobre as opressões que vem se tornando presente nos últimos processos eleitorais, dentro do nosso recorte de tempo da pesquisa. Com isso não estamos afirmando que tais pautas não tenham sido levantadas em outros momentos do ME, mas que embora tenham sido, elas não se apresentavam com a consistência e pluralidade de agora.

Outro ponto analisado é a relação da emergência dessas pautas com o aparecimento dessa nova organização do ME da UVA, com diferentes coletivos, os quais afirmam o debate e defesa dessas causas (do feminismo, dos negros e negras e da comunidade LGBTTI). Porém, não podemos afirmar que tais pautas já estejam solidificadas no ME, pois são construções partes de uma atividade recente na UVA, com uma diversidade de coletivos estudantis, ou seja, sem a velha dualidade da disputa política apenas entre dois grupos. Assim, o ME da UVA passa a se caracterizar como plural tardiamente, visto que esta pluralidade é uma característica do ME nacional há algumas décadas.

²⁵Trecho do manifesto de fundação do Rua – Juventude Anticapitalista.

²⁶Trecho da tese do Kizomba para o 54º CONUNE.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Quem disse que sumiu?”, o título da pesquisa foi posto como reflexão para os e as interessadas no Movimento Estudantil, e falar sobre somente aqui foi uma opção, pois depois de a lermos perceberemos que quando se fala “o ME não existe mais” saberemos que não é verdade, mas que a verdade talvez embutida nessa afirmação consiste em algo que não está nela explicitamente dita, mas a encontramos no decorrer desse trabalho, o ME não sumiu e provavelmente esteja longe disso acontecer. O que ocorreu na verdade foram transformações na dinâmica do movimento, o qual está sujeito à conjuntura política, seja nacional, estadual ou até mesmo municipal.

As transformações não cessam e continuam a ocorrer ao longo dos anos. No ME da UVA essas mudanças também ocorrem e recentemente foram bem significativas, passaram da dualidade para a pluralidade de tendências políticas, e perpassam pela ampliação do debate de educação, pois além de reivindicarem os direitos por assistência estudantil, democracia, infraestrutura, dentre outros, emergem pautas que reivindicam a diversidade dentro da universidade, tornando-a mais popular e defensora das minorias sociais.

Essa diversidade das discussões talvez tenha chegado tardiamente, de forma mais contundente, no ME da UVA, mas hoje se mostra em ascensão. Poderíamos até considerar esse um dos pontos mais positivos da presença de tantos coletivos, e até exemplo do porquê é tão importante a pluralidade de ideias na sociedade, pois essa presença levou à discussão das opressões em um espaço tão centrado em pautas gerais.

Diante disso, mostramos que assim como o sistema opressor se reinventa através de suas ditaduras, crises, governos neoliberais, os movimentos sociais, nesse caso o ME, enfrenta refluxos, imobilidade por parte de alguns setores que se atrelam em determinados momento aos governos em detrimento dos estudantes e da defesa da educação, mas também se reinventa e se mantêm presente na luta por educação pública, popular e de qualidade, contra as opressões e por uma sociedade que preze pela justiça social.

REFERÊNCIAS

DIÁRIO DO NORDESTE. **Universitários acampam no *campus* da Betânia**. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/universitarios-acampam-no-campus-da-betania-1.609303> . Acesso em 10/01/2016 as 9 horas e 30 minutos.

É preciso ter raça. Disponível em:

<https://www.facebook.com/dceuva2015/photos/pb.459797064186658.-2207520000.1456125878./546739415492422/?type=3&theater> .

Acesso em 22/02/2016 as 4 horas e

05 minutos.

EVANS-PRITCHARD, E. E.. **Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FORACCHI, Marialice Mercarini. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. São Paulo: Nacional, 1977.

GOLDMAN, Marcio. **Segmentaridades e movimentos negros nas eleições de ilhéus**. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132001000200003 > . Acesso em: 06/01/2016 as 14 horas e 15 minutos.

PAIVA, Gabriel de Abreu Gonçalves. **A UNE e os partidos políticos no governo Lula (2003 – 2010)**. 2011. 176f. Dissertação em sociedade, Estado e educação. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Centro de Educação, Comunicação e Artes, Cascavel - PR, 2011.

Por todos os cantos. Disponível em:

<https://www.facebook.com/DCEPorTodosOsCantos/photos/pb.1147926515235761.-2207520000.1456126160./1148602748501471/?> . Acesso em 10/01/2016 as 10 horas e 11 minutos.

RUA. **Manifesto do Rua**. Disponível em

<<https://www.facebook.com/ruajuventudeanticapitalista/photos/a.263569770476973.1073741828.263382550495695/263569520476998/?type=3&fref=nf> > Acesso em 24/01/2016 as 02 horas e 37 minutos.

UJS. **Tese Movimento Abre Alas**. Disponível

em <<http://ujjs.org.br/index.php/downloads/movimento-abre-alas-une/>> Acesso em 17/02/2016 as 12 horas e 44 minutos.

UNE. **DCE da UVA defende mudança no estatuto da universidade**. Disponível

em <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/universitarios-acampam-no-campus-da-betania-1.609303>> Acesso: 14 de fevereiro de 2016 às 17 horas e 04 minutos.

UVA. **UVA em números**. Disponível em:

http://www.uvanet.br/contador_down.php?id_documento=567 . Acessado em 19/02/2016 as 02 horas e 21 minutos.